

BONDÌ, Davide, *Filosofia e storiografia nel dibattito anglo-americano sulla svolta linguística*. Firenze, Firenze University Press, 2013

Nuno Bessa Moreira¹

Quem se dedica ao estudo da História da Historiografia depara-se com a existência de domínios contíguos como a Teoria da História ou a Filosofia da História. No que respeita ao estatuto, estamos perante campos disciplinares, disciplinas ou domínios? A História da Historiografia parece configurar um âmbito disciplinar autónomo mas não independente face à História. As coisas não são assim tão simples ou dicotómicas, apontando, não raro, para conciliações ou *terceiras vias*, que podem acentuar um dos pólos em relação, ou superá-los. Numa comunicação apresentada à *British Society for The History of Philosophy* em Cambridge, publicada no número inaugural da Revista Práticas da História, em 2015, Herman Paul coloca um problema central na e para a Filosofia e da História: Como fazer a História de uma disciplina que não o é, que não configura um campo disciplinar?

Conforme notara Richard Vann, desde a Segunda Guerra Mundial a Filosofia da História era essencialmente um *academic orphan*. Na actualidade, essa orfandade ainda é muito vincada, mas tem vindo a ser matizada. Em nosso entender, a História da Filosofia da História pode cruzar uma vertente institucional com uma dimensão discursiva e conceptual desta última, sem deixar de abordar a Filosofia da História como disciplina. Parece-nos que Davide Bondi segue parcialmente a linha de Paul. Para melhor enquadrar a tese doutoral do estudioso italiano, convém seleccionar, sumariamente, momentos da diacronia da Filosofia da História e do percurso biobibliográfico do autor.

No que concerne aos possíveis precursores dos narrativistas destacaram-se, nos anos 40 e 50, W. H. Walsh, Morton White e W. Dray. O primeiro considerava que a causalidade dos eventos configurava uma crónica. O segundo diferenciou a crónica (descrição de eventos) da história (explicação). O terceiro estava mais preocupado com a natureza e o processo das narrativas do que com a causalidade. Nos anos 60, Gallie distinguiu as narrativas historiográficas das ciências genéticas e Mink debruçou-se sobre a questão da verdade nas narrativas. No entender de Samuel Backer, nos anos 70 destacaram-se duas tradições que terão preparado o *Linguistic Turn* na Filosofia da História. Por um lado, afirmou-se alegadamente uma *via média* com White e Danto. Por outro, surgiu uma via radical, na qual pontificavam Olafson, Louch, Gallie e Mink (crítico de Gallie, conjugava retrospectção com prospecção, centrando-se na compreensão da narrativa, aproximando-a da literatura).

O impacto inicial da *Metahistory* (1973) de White foi reduzido e a sua recepção resultou de um processo lento e paulatino numa primeira fase, longe do sucesso

¹ Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

posterior, sobretudo a partir dos anos 90 do século XX. No entender de Ehrlich Backer, desde a última década referida até à actualidade, tem vindo a ganhar força uma Filosofia da História assente em questões culturais mais vastas, como a memória ou a experiência históricas. Davide Bondi interessou-se igualmente pela diacronia da Filosofia da História, dos anos 70 até à actualidade, na obra em vertente análise *Filosofia e Storiografia nel dibattito anglo-americano sula svolta linguistica* (Firenze, Firenze University Press, 2013).

Bondi nasceu no ano de 1974 em Belluno, na região de Veneto. Teve uma formação nitidamente europeia e *continental*, mais ligada, directa ou indirectamente, a uma tradição próxima das Ciências da Cultura ou da Filosofia Moral do que da Filosofia Analítica ou do *Linguistic Turn*. Eventualmente para suprir essa lacuna, mas também por sentir afinidade com os domínios da Literatura e da História, terá materializado a necessidade de analisar a filosofia americana numa perspectiva crítica face à filosofia analítica hegeliana, na dissertação doutoral apresentada à Universidade de Florença em 2012, intitulada *Filosofia e storiografia nel dibattito anglo-americano sula svolta linguistica*, para a qual foi realizando investigações parcelares, transformadas em artigos, depois ampliadas e articuladas numa visão de conjunto, em diálogo com a História da Historiografia. Em 2011, o estudioso italiano perguntava-se, noutro artigo: *There is Still a Room for the Philosophy of History?*, contestando a ideia de Gorman segundo a qual a Filosofia da História teria que ser *subalterna* [a palavra é nossa] face às *auto-imagens* dos historiadores.

A introdução a *Filosofia e storiografia nel dibattito anglo-americano sula svolta linguistica* parece confirmar um prisma hermenêutico, centrado na produção de significados históricos.

Na primeira parte desta obra, Bondi procura mapear *reduções e reconstruções do significado histórico* em dois capítulos, o primeiro sobre a *Nova História Cultural* no debate anglo-americano, e o segundo relativo à viragem narrativista da Filosofia da História (1960-2010) (p.23-135).

O primeiro capítulo encerra com a abordagem da fragmentação na primeira década do século XXI, na historiografia em geral, e não apenas na da cultura (p. 65-83). O autor parece solidarizar-se com as respostas à crise da objectividade na historiografia americana, diagnosticada por Peter Novick. O fim desse *noble dream* implicou, por paradoxal que possa parecer, a agudização da consciência histórica e da reflexão filosófica em torno dos desafios do presente, reconfigurando-se a objectividade em novos moldes.

No segundo capítulo da primeira parte, Davide Bondi começa por considerar que a viragem narrativista da Filosofia da História foi dominante desde 1960 a 2010, subsumindo, numa designação comum, abordagens tão diferentes como a *semântica* (coincidente com o *Linguistic Turn*), a *crítica* (relacionada com o idealismo anteriormente afirmado de Croce e Collingwood), o *estruturalismo* (com Saussure e Frey, entre outros) e o *pós-estruturalismo* (Foucault e Derrida).

No que respeita à abordagem narrativista crítica, Bondi refere-se a Mink e depois a White. Quanto ao primeiro, distingue três tipos de compreensão: a *hipotético-dedutiva*, a *configuracional* (história) e a *categorial*, juntando a filosofia crítica e a especulativa, que

Walsh separara, encarando a narração como juízo reflexivo e não enquanto meio de prova. Mink exclui o tempo vivido em favor do contado na narrativa. No que concerne a White, Bondi arrisca uma classificação genérica muito útil das interpretações da sua obra promovidas por estudos sobre o autor: *estruturalismo* (Strauss e Frey); *actualismo* (na linha de Gentile) e *historicismo* (Croce), analisados por Carlo Ginzburg, David Roberts e Rik Paters; *Linguistic Turn* (Vann, Danto, Ankersmit); *desconstrução derridiana* (Ethan Kleinberg e LaCapra); *Humanismo Liberal* (Paul, Novick, Kellner); e *reforma literária e retórica* da História da Historiografia (Iggers, Jacoby, Elliot).

Posteriormente, Bondi aborda as questões da superação do *Linguistic Turn* e do *Narrativismo*, em favor da *experiência* e da *presença*, temáticas que ocupam toda a segunda e última parte de *Filosofia e storiografia nel dibattito anglo-americano sula svolta linguistica* e o seu capítulo único, o terceiro da obra, e o mais curto, intitulado *A Presença do Passado (2000-2010)* (p.137-199).

Neste derradeiro andamento, Bondi começa por dedicar-se a expor sumariamente uma filosofia que valoriza a *experiência*, abordando autores tão diversos como Roberto Esposito, Maurizio Ferraris, Agamben, ou Gumbrecht. O primeiro parece defender um *realismo ontológico*, denotando uma propensão pelo aparentemente não filosófico, enquanto o segundo inspira-se em Derrida para defender a *realidade desconstruída*. Por seu turno, o terceiro pronuncia-se a favor da reapropriação da *experiência* como condição transcendental da linguagem. Gumbrecht enfatiza a possibilidade de uma *experiência* directa do passado através dos sentidos, patente, por exemplo, na visita a um museu.

No que se refere à *presença* do passado no presente, de inspiração heideggeriana, acentua ainda uma vertente ontológica da Filosofia da História. O mérito das várias teorias da presença situa-se no facto de elas pensarem os limites do conhecimento histórico e isso, segundo Bondi, deve interessar aos historiadores. Bondi traça uma panorâmica breve da *Filosofia da Presença* e debruça-se sobre o conceito, situável entre uma concepção fora do tempo (Platão, Gadamer) e a inscrição no devir temporal, implicando o corpo e a matéria (p. 171). No entanto, para que não restem dúvidas, mesmo no final do seu texto (p. 198-1999), o autor evita excessos em torno da aceitação da teoria da *presença*, furtando-se a subscrever uma assunção radical dos seus preceitos básicos, eximindo-se a encará-la de modo absoluto, reafirmando que *a história é guerra contra o tempo*, alimentando-se da diferença entre passado e presente, contra os ardis do presentismo que a *presença* urde, ainda que a Filosofia da História se nutra do diálogo e da tensão entre questões epistemológicas e ontológicas.

Em jeito de balanço, a obra recenseada, por muito que consiga superar o dilema das duas Filosofias da História de Walsh, continua a gravitar em torno dessa semântica, situação que pode configurar, em nosso entender, uma debilidade. No pólo oposto, este trabalho de Bondi contribui para o aprofundamento da abordagem da história da Filosofia da História. Por outro lado, o estudioso amplia criticamente as reflexões presentes no *Companion de Filosofia da História (...)* coordenado por Aviezer Tucker e contribui para uma forma de encarar historicamente o pensamento de Hayden White

(relativizando o seu peso), que teve recentemente um momento alto com a dissertação doutoral em Zaragoza de Miguel Angel Sanz Lorono, ainda não editada. Davide Bondi colabora com dois projectos aparentemente tão diferentes como a revista *Storia de la Storiografia* e o *International Network for the Theory of History*, demonstrando que a Filosofia da História passa por um momento de aproximação entre vias diversas, como comprova esta tese analisada.